



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 4 de Outubro de 1980 * Ano XXXVII — N.º 954 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

Pequeninas mas muito significativas e fonte de alento neste mundo falho de serenidade em que vivemos. Ambas põem em evidência uma virtude que parece, hoje, envergonhada e se chama gratidão.

1 Da primeira dá-nos conta uma carta de Tondela, repassada de reconhecimento e amizade:

«Era meu desejo (e minha obrigação também) tê-los visitado há mais tempo ou até,

como o faço agora, servindo-me deste meio para contactarmos.

Eu sinto quanto todos nós tondelenses lhes devemos, pois estão a transformar em pão, o que outrora foi lixo.

Além de muito ter para lhe dizer, queria pedir-lhe mais um favor: que o sr. Padre viesse até Tondela um domingo que tivesse mais avagado, para celebrar a Santa Missa e pregar a Verdade, para esta gente ouvir.

Estê convite tem a colaboração do nosso Pároco.

Tinha pensado, melhor dizendo, falado a uma camioneta para irnos até aí. Mas gastasse tanto que seria preferível o sr. Padre vir e colher aquilo que com isso se gastaria. Se fizesse o favor traria os nossos pequenos e todos seriam nossos hóspedes pelo tempo que estivessem por cá.»

Eu preparava uma viagem a África quando deixei «luz verde» para a vinda dos dois pequenos tondelenses. A crónica deles era de tons carregados e o caso movimentou várias pessoas da terra que têm olhos para os Outros. Só os conheci no regresso. Que surpresa me causou a simpatia de ambos, quanto ao mais novo tão irradiante que lhe foi posto, até, o nome de «Ri-ri!» E graças a Deus nunca mais houve problemas graves a respeito deles. Lixo os fez parecer o mundo; não que eles o fossem alguma vez, de tão fácil tem sido transformá-los em pão!

Vieram e nunca mais foram esquecidos por quem, então, os viu e se doeu por eles. É tão raro! Vulgar, mesmo em quem vê e se dói, é arrumar o caso e esquecê-lo. Os nossos dois irmãos nunca foram arrumados. Quem os viu uma vez e se doeu, amou-os e ficou a



O rosto alegre do «Irmãozinho», na bela piscina da nossa Aldeia — em Paço de Sousa.

amá-los. São passados uns anos largos e esta carta testemunha que é assim. Que atentem nisto e saboreiem esta felicidade os nossos dois — nossos de nós, gaiatos, e de «todos nós tondelenses!» E cresçam, a partir das suas ori-

gens, nesta virtude que nobilita o homem e se chama gratidão.

Pois iremos, se Deus quiser, um domingo de Outubro. Do que acontecer dará depois co-

Cont. na 3.ª página

Lançamento do 3.º volume do livro «DOCTRINA»

O 3.º volume do livro DOCTRINA vai já para a rua; melhor, prós CTT, a fim de ser entregue no domicílio dos assinantes — pela mão dos carteiros.

Entretanto, e para não perdermos tempo, cada exemplar da última edição de O GAIATO foi portador de um postal RSF, expressamente destinado aos leitores que não pertençam ao rol de assinantes da Editorial, os quais podem, assim, requisitar o DOCTRINA. E, os que já são, aproveitam o dito para solicitar outras obras da nossa colecção.

Já começaram a chegar as primeiras respostas, de todo o lado, pedindo um ou todos os livros que possuímos em stock! Outros ainda, não resistem à chamada e assinalam, também, desejar receber O GAIATO em suas casas, por assinatura. Normalmente são leitores eventuais, que nem sempre encontram os nossos pequenitos na venda avulsa do jornal.

Como é óbvio, o postal dá para tudo e facilita a vida a muita gente, especialmente nas grandes urbes, onde, às vezes, mal há tempo de se mastigar o caldo em família... Radiografia do tempo!

Oportunamente, vamos transcrever uma ou outra ressonância de quem não perdeu tempo a saborear, imediatamente, os textos do DOCTRINA, desde a primeira página. Até nós que, por força das circunstâncias, acompanhámos a edição da obra — desde o original... à fotocomposição e offset — não deixamos, uma vez por outra, de ler e reler algumas notas mais expressivas que a pena carismada de Pai Américo nos legou; e cuja actualidade permanece duma maneira geral! Exactamente porque, como afirma no frontespício da obra, «esta Doutrina não é minha — é do Pai Celeste».

Júlio Mendes

Uma experiência

Na tarde de domingo subi ao alto do morro. Naquele lugar, outrora vazio, árido, sem árvores, o homem começou a construir casas. Era um sítio mais saudável, arejado, longe dos mangais, onde os mosquitos e o cheiro das águas estagnadas faziam a vida difícil. Apareceram a pouco e pouco, no alto do morro, casas lindas, de janelas voltadas ao mar, ruas asfaltadas — uma cidade nova a crescer. A gente que antes vivia em cubatas plantadas no meio da lama quando chovia, também se deslocara para o cimo do morro, onde construiu suas casas de tijolo e chapa de lusalite por cobertura. Uma comunidade de quatro religiosas montou ali sua tenda, para acompanhar mais de perto o viver do povo. Escondidas, actuam como fermento no meio da massa, como sal na comida, como luz que

é sinal, com a eficácia da Palavra que opera e transforma. É assim a Igreja comprometida e ao serviço do Povo de Deus que sofre e espera a hora da liberdade.

A dois passos, um acampamento de refugiados, vindos do interior, onde deixaram suas lavras com o milho que é seu pão, a batata doce, sua terra, a paz das suas aldeias. Vítimas da guerra. São cerca de 2.000 pessoas. Construíram cubatas, cobertas de capim, de pau a pique, como povo que ergue suas tendas, imagem viva de uma Igreja que sabe ser peregrina, na esperança de voltar à terra das suas lavras, dos seus quimbos, do seu trabalho, da vida em comunidade onde todos se entreejudam, se reúnem e fazem festa à roda de uma fogueira.

Cheguei ao acampamento.

Levara as mãos vazias. No coração o sofrimento daquele povo. Jovens, crianças, os mais velhos e as mães cantaram a alegria deste encontro. Fiquei confundido. Senti-me pequenino. Não sabia o que dizer. Um povo que sofre tanto na sua carne, na sua vida, e canta. Canta a alegria de ser cristão. Canta a alegria de saber que Deus está com ele. Que tem Sua morada igual à dele, no mesmo acampamento, construída com os mesmos paus e coberta de capim. Ali se reúne, ali O escuta, ali reza. A Igreja está no seu coração. Para onde vai, também a Igreja vai. A minha presença foi o sinal da presença da Igreja.

Que experiência! Que lição! Que contraste!

Padre Manuel

PELAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

MARINHO E RUI — Nas andanças do vai e vem, sr. Padre Acílio foi abastecer os nossos que estão na praia. Marinho e Rui (os dois reis) fizeram-lhe companhia. No acampamento os nossos reis foram juntar-se a outras crianças e, muito naturalmente, pegaram nos brinquedos dos seus companheiros de «inocência». Despreocupados, os nossos deixaram os brinquedos ao Deus dar.

Duas senhoras, uma espanhola outra portuguesa, eram as vigilantes das outras crianças. Fizeram constar a falta de alguma peça dos brinquedos, o que levou sr. Padre Acílio, como pai que é, a procurar a dita. Não apareceu. E a senhora (portuguesa) não teve mais do que confundir um brinquedo de criança com uma carteira que se rouba! «Carteirista» era o que faltava chamar a um Padre da Rua. «...Esta senhora devia ajoelhar diante dos nossos pequeninos e pedir perdão» — desabafa connosco sr. Padre Acílio. Como ele não tem tempo para contar, conto eu.

RECADO — Hoje passei pelas nossas oficinas e recebi recado de alguém que pergunta porque é que não temos escrito n'O GAIATO. É claro que não tem sido por não ter que contar. É um nadinha de preguiça. Somos vivos, sim senhor, e vamos fazer um nadinha de esforço para que os nossos Amigos tenham a nossa presença n'O GAIATO. Numma Casa como a nossa há sempre que contar, sempre que dizer, sempre que aprender!

FÉRIAS — Época de férias. Todos as saborearam, a começar pelos mais pequeninos. A praia da Arrábida tem sido as nossas termas. Acampamos na serra e, lá em baixo, as banhocas. Os mais velhos, alguns vão passar uns dias com as respectivas famílias de sangue.

FUGAS — Foi o que aconteceu com o «Vila Real», que então fez a quarta classe. Foi a casa e regressou. Depois, fugiu pela segunda vez. O que seria? É a rua a puxar. São os ditos e os mimos que as famílias fazem em meia dúzia de dias. Depois são os desaires, as desilusões, tanta vez o retornar a uma vida de lama de onde saíram, acrescida agora pelo perigo da adolescência. Quiséramos que o «Vila Real» não se perca. Ele sabe o que é bem e o que é mal. Que ele se aperceba das nossas conversas, das quais, às vezes, era o próprio mestre.

«BATATINHAS» — Ontem não ganhámos pró susto! Depois do almoço foi tudo pró recreio. Logo a seguir é a hora dos mais pequenos e dum ou outro mais necessitado ir dormir a sesta.

Marcolino e outro vêm aflitos. Estão fartos de procurar o Luizito mallo «Banana» e eles não aparecem. Marcolino é um nadinha mãe destes nossos mais pequenitos. Ele anda preocupado. Nós também tivemos tempo para sentir o mesmo. Mas tudo passou. A nossa quinta que é

grande e não temos «vigilantes», nem prós mais pequenos. Isto é a Casa do Gaiato.

VISITANTES — Pessoas radicadas na América vieram ao nosso País e não se esqueceram de nos visitar. Há sete anos que não o faziam. Andaram a ver as modificações da nossa Casa. Gostaram muito. Ajudaram. Prometeram ajudar mais. Foram contentes. Nós também. E esperamos por mais visitas. Quem passa por Setúbal, é só um desviozinho. Não se perde tempo.

APELO — A casa um, a casa nova, tem um quarto à espera duma senhora que se sinta capaz de ser Mãe dos nossos pequeninos! Responde...

Ernesto Pinto

Paço de Sousa

FUTEBOL — A nossa equipa, como já foi dito, está a participar num torneio organizado pelo Lusitano Clube da Retorta, com um bom comportamento. Ganhou ao Retorta B por 6-0.

Noutro encontro, para o mesmo torneio, realizado no dia 21 de Setembro, defrontámos o Retorta A, que saiu vencedor por 1-0. O jogo, porém, não foi até final do tempo regulamentar porque estávamos a ser «comidos» pela arbitragem.

Oxalá o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato continue com o nível demonstrado até agora, pois os nossos jovens sabem tocar a bola.

ESPIGAS — Após a retirada das espigas da cana do milho, o tractor foi trazendo a colheita para a eira. Assim, a malta da lenha, com os homens do campo, lá andam a debulhar. São muitas espigas para o nosso pão!

FÉRIAS — Vou falar de férias. Não das nossas que já terminaram. Sim de um holandês, Harry Iking, que todos os anos vem passar uns dias a Portugal, a nossa Casa inclusivé. Ele gosta da nossa Obra e de conviver com os rapazes. Todos os dias faz uma visita pelas oficinas. Gosta da nossa bela quinta. Para ele é uma alegria estar connosco.

«Salsichas»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● O telefone toca. Do outro lado identifica-se uma voz feminina: — «Chefe de serviços da Caixa de...» Motivo da chamada: ultimização do processo de pensão de sobrevivência daquela Viúva, já por nós referida, com um bando de filhos deficientes. — *Veja se os hospitais não demoram a remessa das declarações para a Caixa tomar conhecimento de quem paga o internamento das crianças e de quem recebe os subsídios regulamentares. Já falei com a minha colega de Lisboa e o pro-*

cesso será deferido apenas quando lá chegarem os documentos...

Há quantos anos estas funcionárias — motivadas pelas carências da Viúva — se mexem pelo seu pé, por sua iniciativa, para que a pensão seja deferida!

Na verdade, elas nada têm a ver directamente com o problema — não pertencem à CNP — mas andam para a frente, a 400 quilómetros de distância!

Que sentido humanista deste Pessoal do MAS, no sul do País, com a chefe à cabeça!

É caso para ser revelado — com a discreção própria de O GAIATO — pois sabemos como, habitualmente, nestas babilónias de papel e funcionalismo, mal se dá fé do Homem, reduzido a números... E a acção poderá servir de estímulo, ou de incentivo, para a resolução de muitos impasses que colidam com os direitos inalienáveis do Pobre.

● Temos um contraste, por mero acaso, após esta lufada de ar fresco! Topamos uma doente desesperada: requereu pensão de invalidez há cerca de um ano e nem recado nem resposta!

— *Fui outra vez à médeco..., à Porto. Está admirado com a demora dos homes da Caixa. Diz ele para meter novos papeles, a ver se a cousa anda. Estão p'ra lá metidos numa gaveta, com certeza... Ó meu senhor, já lá vai um ano!...*

— Traga novo documento do médico confirmando o diagnóstico da doença e, depois, mandaremos segunda-via do requerimento.

É Justiça Social a actualização de benefícios, ou a criação de outros, para procurarmos alinhar com os países evoluídos. Mas o que a gente não vê — tarefa ciclópica — é remédio eficaz para as infraestruturas administrativas, onde os direitos do Pobre (crianças, viúvas, doentes, velhos...) possam vir a ser despachados prontamente; isso é que a gente não vê!

● A alta do custo de vida e dos materiais, em espiral, tem bloqueado vasta gama de Auto-construtores — os mais carenciados e de mais baixos salários.

Os terrenos são pagos a peso de ouro! Mas a falta deles, para construção, é problema grave em determinadas zonas. Sobretudo porque há gente que supõe levar, na mesma caixa, os valores deste para o outro mundo...

Neste ponto — sem ferir o direito natural — muito poderia ser feito, sensibilizando os proprietários, por meios adequados às suas características psicológicas, em benefício do bem-comum.

Porém, há também os que vendem indiscriminadamente, aproveitando a ânsia incontida dos que precisam de um tecto, e vêm a sofrer as consequências. Hoje, por exemplo, somos confidente de um moço que pagou, adiantadamente, o valor duma parcela cujo loteamento foi indeferido — e muito bem — por via da exiguidade dos lotes. O caso arrasta-se. Mas, agora, com o falecimento do vendedor é muito mais complicado.

— *Com o dinheiro gasto no terreno, e nestas andanças todas, já teria*

construído a minha casa!... — sublinha o pobre moço, tristemente.

Há dias, visitámos um carpinteiro que, no bom tempo, fez das tripas coração e levantou uma casa para as necessidades imediatas, com o mínimo de condições.

Passaram os anos. Os filhos cresceram. Agora, porém, o déficit de moradias, nesta região, é de tal ordem que, para dar guarida à filha casadoira, se dispôs a fazer da cave uma boa vivenda.

— *É uma solução. V. sabe perfeitamente que, por aqui, as moradias não chegam prós pretendentes...*

Como quem diz: se houvesse outros tectos não prolongaria o sacrifício.

— *Hoje não se pode fazer nada, nada! Está a ver está caixalhar? A madeira é uma fortuna! E mais eu sou carpinteiro...*

Falámos muito. Cheirámos todos os cantos da moradia. E vamos deitar a mão a esta gente. É um acto de justiça.

● Hoje há casos que muito afligem o vicentino. São os problemas da Terceira Idade. Particularmente os solitários: viúvas(os) ou solteiras(os). Pior ainda: os marginalizados pela própria família, que os há, e muitos, por esse mundo fora!

No último domingo, regressados duma acção que nos ocupara quase a tarde inteira, alguém faz paragem em plena estrada:

— *É uma receita de F., que levámos à hospital. Seria uma trombose... Batemos logo à porta da farmácia. Fechada! Dali, seguimos à Casa do Gaiato e, no repositório dos fármacos, não havia quê; mas a senhora alertada, dispensa prontamente uma embalagem do ti Pedro. Seria o medicamento mais urgente.*

Avançamos para a moradia do doente — Património dos Pobres — já noite escura, no extremo da paróquia; e naturalmente, com a massa cinzenta a funcionar para se conseguir, de imediato, entre a vizinhança, quem prestasse apoio regular; o mais difícil — nem sempre impossível, graças a Deus — em situações idênticas.

«Chegados à moradia do nosso Amigo, cruzamo-nos com familiares. Suspiramos fundo. E mais ainda porque a trombose, graças a Deus, não prostrara o doente! Então, preparámos a cama, o remédio, uma refeição frugal, outros confortos — e seguimos para nossa casa, dormindo mais tranquilos.

PARTILHA — Por intermédio do Espelho da Moda: 1.000\$00 do assinante 13519, «referentes aos meses de Setembro e Outubro»; 800\$00 da assinante 3119, «por alma de meu Marido»; e 1.100\$00 da assinante 19177 «por uma Graça que o Senhor fez».

«Uma figueirense» — «foi sempre o nome que adoptei», sublinha — presente com valioso donativo «por alma de meus Pais».

Rua da Lapa, Lisboa, 200\$00 que são produto de muito sacrifício de uma Empregada doméstica:

«Mandarei sempre enquanto estiver a trabalhar. Mas isto já deve durar pouco...»

Este ano não vou de férias porque

a minha senhora está muito doentinha. Dá muito trabalho, não se pode deixar. Deus se lembre dela e alivie o sofrimento.»

«Uma portuense qualquer», muito perseverante nesta coluna, agora manda «a migalhinha (250\$00) relativa ao mês de Agosto e continuo a louvar a Deus pelo bem que se faz a favor de tantos Irmãos que encontram solução para problemas de vária ordem».

Leiria, 700\$00. Presença que já não víamos «há bastante tempo»: Carvalhosa (Coimbra).

Lisboa:

«Uma pequenina ajuda para minorar algum pequeno problema da Viúva que espera pensão de sobrevivência (O GAIATO de 6/9/80) e para «as bocas pequeninas com apetite devorador». É pela alma dos meus pais e sogros e para pedir uma oração por um rapazinho que tem tudo mas é ciumento, egoísta e preguiçoso, mas tem possibilidade de vir a melhorar com a ajuda de Deus.

Desejo manter o anonimato. Deus vos dê saúde e bons olhos a quem de direito para lerem os vossos pedidos de justiça.»

Dos lados de Aveiro:

«Leio sempre O GAIATO com entusiasmo, pois as notícias que insere são páginas vivas, retalhos humanos de alegria, sofrimento, dor, mas também de estender de mãos.

A rubrica «Viúvas» atraiu-me a atenção, pois se mais nada houvesse é o estar eu nesta situação de viúva. E logo senti vontade de escrever e responder ao apelo aí feito...

Hoje, dia em que o meu marido completaria 40 anos, tive mesmo de pegar na caneta para enviar um vale de 600\$00 destinados a uma Viúva jovem que aguarda pensão de sobrevivência.

Sei o que é isso, pois também demorei imenso tempo a ser-me concedida!...

Esses 600\$00 é o abono de Julho dos meus filhos, que ainda são pequenos.

Comecei a construir a minha casa e sei bem a angústia que é não termos casa própria e ter-se senhorio... Não me lamento, pois sei que há casos muito mais angustiantes do que o meu, pois estou empregada e embora não ganhe muito, sempre chega para comer e sem necessidade de me deixar escravizar, que é no meio disto tudo o mais terrível.

O que vai, não é para ser agradecido, pois se o cristão não reparte com o Irmão, afinal, o que é ele?»

Mulher valente!

Finalmente, M. P., de Coimbra, chegada de férias «e como prometi, cá estou a juntar uma notita de 500\$00 que é apenas uma gota de água para as necessidades da Conferência».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



Azurara

Terminaram as férias em Azurara. Sempre que possível, em cada turno há um que escreve a crónica para O GAIATO. Desta feita, sou eu o cronista.

Apesar de alguns dias se apresentarem nebulosos, houve outros muito bons para a malta se bronzear.

Mas não era só estar ao sol e tomar banho. Também era preciso fazer os trabalhos do dia-a-dia: cozinhar, limpar a casa, ir às compras, etc.

Passámos uns dias divertidos e, de vez em quando, íamos ao cinema. E demos também muitos passeios pela costa, junto ao mar.

O nosso grupo sentiu um problema muito aborrecido: falta de água. Aliás, deveria ter sido comum a todos os turnos. O nosso poço tem muito pouca água!

Chegou o dia de nos irmos embora! Virámos a lã, mas acabámos por regressar a 8 de Setembro, à noite, com a festa do costume. Apareceu, de surpresa, o «Eusébio» — ex-chefe maior — que cumpre serviço militar nos Açores. Rimo-nos muito com as anedotas que contou.

Enfim, tudo decorreu em franca harmonia. Os nossos chefes — François e Henrique — fizeram o possível para que a vida andasse em ordem, sem problemas.

Resta-me agradecer à Agros, de Vila do Conde, o produto que nos ofereceu, como de costume. E bem feito nos fez! Obrigado.

Em nome dos rapazes do 4.º turno envio um grande abraço aos nossos estimados leitores.

«Salsichas»

Infância do Corvo

No meu grupo de Catequese, fomos apresentados como tema de uma

O nosso moinho

É a primeira vez que me encontro aqui, em S. Domingos, mas a segunda vez que escrevo para o «Famoso» dando notícias aos que já gozaram ou ainda estão a gozar férias.

Pois lá nos encontramos com o amigo Zaco e sr. P.e Carlos, muito bem dispostos, não só pelo bom tempo ao longo dos nove dias que passámos mas, também, pelo silêncio.

No primeiro dia fomos à casa da sr.ª Alzira buscar as coisas que eram precisas e também lá estavam alguns filhos e o nosso grande amigo sr. Manuel, que sr. P.e Carlos já conhecia.

Tinham pensado que já não íamos a S. Domingos. E, como estava tudo arranjado no moinho, tiraram tudo de lá e nós tivemos que arrumar outra vez; não custou muito.

Correu tudo bem. Eu pensava, e o Zaco também, que houvesse algum rio perto para tomar banho. Mas não! É só o Douro que fica muito longe, e com tudo isto não houve problemas com o nosso chuveiro-balde que era uma maravilha para tomar um banho ao fim da tarde, depois de uns jogos de futebol eu mais o Zaco, enquanto o sr. P.e Carlos dormia a sesta debaixo dos

das lições, a parábola que Cristo nos dirigiu no último domingo: a parábola do Filho Pródigo.

Porque sempre gostei de parábolas (pois era através delas que Cristo nos dava e dá a conhecer simplificada e porquê esta é a mais bela do Evangelho, entendi que devia partilhar a lição com os leitores.

O arrependimento! A grande lição que nos traz esta Palavra do Senhor. O filho que pedindo a sua parte da herança ao pai, esbanja tudo na má vida, cai no pecado.

O bom pai que reconhecendo o direito que o filho tinha a herdar, e não querendo infringir esse direito, aceita com muita tristeza e humildemente o pedido e dá ao filho a sua parte da herança, sabendo pois o perigo que aquele filho iria correr.

Depois, já o filho arrependido que cai em si e reconhecendo o mal que fez, volta para casa (volta ao bom caminho).

O bom pai (Deus) que movido de compaixão para com o filho, o considera com misericórdia e dá-lhe as mais ternas provas de amor.

E, finalmente, o filho mais velho que, caindo na mediocridade, no egoísmo e tendo o coração fechado, se recusa a entrar. A figura daqueles homens que murmuravam contra Jesus, com os corações fechados, só para eles, pensando que os outros (pecadores) não são seus irmãos e que não sabem perdoar como o bom pai perdoou ao filho o seu erro.

O Senhor através desta parábola revelou aqueles homens, e a nós, a principal razão da Sua vinda ao mundo!:

«Eu vim para chamar os pecadores ao arrependimento.»

E para justificar esta afirmação, diz: — «Como não são os seus, que precisam de médico, mas sim os doentes, assim também eu vim para chamar os pecadores ao arrependimento e não os justos.»

Carlitos

pinheiros que faziam uma bela sombra e também o ar puro que os mesmos e outras árvores nos davam.

Algumas vezes jogávamos à «batalha naval». Isto era o nosso passatempo, porque não levámos cartas nem outros jogos.

Quem não gostaria de gozar umas férias aqui connosco?

Os deliciosos comeres, que o sr. P.e Carlos fez, eram uma maravilha! Algumas vezes não estavam a horas porque eu e o Zaco era só brincadeira. Lá nos íamos distraíndo um pouco até chegar a hora de celebrarmos a Missa, antes do jantar. De seguida era o Terço, enquanto íamos olhando para o horizonte que nos rodeava: as luzes da Régua, Lamego, N.ª S.ª dos Remédios, Vila Real, Valdigem e outras terras. Que bonito quando chega a hora dos candeeiros acenderem! É uma maravilha!

No regresso, viámos muito tristes porque tivémos que deixar uma vista maravilhosa e silenciosa.

Agradeço às pessoas que partilharam connosco e nos deram algumas coisas. Muito obrigado principalmente à família do sr. Manuel e sr.ª Alzira. Um grande abraço para os leitores,

Cont. da 1.ª página

nhecimento o mais velho dos dois tondelenses em quem concorrerá actualmente a função de cronista de Paço de Sousa.

2 A segunda nota surgiu-me ontem ao almoço em casa do João Luciano. Há 14 anos que assisti, em nome da Igreja e em representação da nossa Família, ao seu casamento e nunca tinha ido a sua casa! Quantos convites... Quantas promessas de que iria... Fui ontem.

Dois rapagões, uma casa muito arranjada e confortável, uma refeição duplamente saborosa, porque partilhada na sua confecção por ela e por ele, que foi nos seus tempos connosco um famoso cozinheiro. Que momentos a gente perde com a nossa vida afadigada! Quantas vezes eu poderia ter gozado o que ontem foi, ali e em tantos outros lares de Rapazes nossos, tantos, já, que é verdadeiramente difícil manter este convívio que a ambas as partes, certamente, faz tão bem!

Ainda o repasto não principiara e uma vizinha que sabia da minha ida lá, aparece com o seu dom e a sua simpatia.

RIQUEZA E INDIGÊNCIA

O recoveiro dos Pobres tem obrigação moral de acompanhar (queríamos dizer conhecer) as correntes de pensamento e de acção viradas à promoção social dos Pobres.

Aliás, o mundo d'hoje já não é dos antipodas... Os habitantes do planeta, pelos mais sofisticados meios de Comunicação Social (bem ou mal agora não vem para o caso), podem tomar conhecimento de notícias ou factos diversos mesmo sobre o acontecimento. Assim, neste momento, o nosso pequeno Mundo não passa de uma reduzida aldeola. Afinal, o que é ele no meio do Cosmos — nas mãos do Criador?!

O prólogo é motivado pelas declarações de célebres especialistas — com destaque para Galbraith — sobre a problemática dos «povos imensamente ricos frente aos dramaticamente pobres», mais conhecida pelo «Debate Norte-Sul», que a TV apresentou recentemente aos telespectadores.

Não temos hipótese de fazer um relato pormenorizado do diálogo. Sublinhamos, no entanto, a oportuna intervenção de Galbraith — laureado em Economia — quando afirma: «Não temos o direito de permanecer indiferentes perante a miséria de milhões de homens. O aspecto concreto é não menos urgente. O fosso

especialmente para os poveiros, avelanenses e setubalenses, do amigo

Carlos Mendão

NOTAS DA QUINZENA

No fim, João, entrega-me lista de assinantes do Banco onde trabalha e presta contas. Era um senhor de lá que se encarregava desta tarefa, mas, não podendo agora, pediu-lhe que o ajudasse.

— Ora há alguém lá que tenha mais obrigação de fazer este trabalho do que eu?!

Há anos, num concurso qualquer que então corria na Televisão, ele interveio e foi contemplado. Na entrega do prémio, perguntaram-lhe se queria fazer alguma saudação e ele quis: — Quero saudar daqui todos da Casa do Gaiato, onde me criei.

E ele foi criado na Casa de Miranda do Corvo e na de Paço de Sousa e no Lar de S. João da Madeira e finalmente no do Porto, donde saíu, homem, para a vida. Está bem. Não precisa de nós, material-

mente, mas quer-nos. Ele, o enfeitado de ontem, não nos enjeita. É justo, mas nem sempre a justiça é a regra. Deus seja louvado!

3 Sociedade de consumo e sociedade de desperdício acabam por se confundir. A primeira designação produz a segunda; e esta acaba por obrigar à primeira. É um ciclo. Vicioso?... Acho que sim. Por sensibilidade acho mesmo. E ontem, então, de que maneira o experimentei!

Foi no Lar. Não longe, há uma fábrica de confecções. Em frente mora uma preciosa velhinha que, vendo todas as tardes àquela porta sacos e sacos de retalhos esperando a remoção do lixo, se fez farrapeira por amor. «Vocês têm tantos meninos que rompem tanto — eu sei. Então bolsos, como deve ser...! Por isso me lembrei de aproveitar estes retalhinhos que servem para isso. E quando escurece, antes que venha o camião do lixo, vou aos sacos e escolho os que me parecem melhores. Mas queria saber se vale a pena...»

Devo dizer que não foi o nosso primeiro encontro; e, desde esse, a mesma respeitosa interrogação foi feita: «Vale a pena?...» Eu nunca tive a coragem de dizer que não valia, perante tão amorosa boa vontade. Mas hoje sempre lhe respondi que tínhamos já um grande stock e que, com as dificuldades da mão de obra, outro aproveitamento para os farrapinhos, torna-se caro. Ela ficou triste e eu também.

Quase ao fim do dia, ei-la de novo, tímida, cheia de desculpas. Trazia um pequenino saco de plástico com tiras mais compridas e mais largas — estas, na verdade, capazes já de outro fim, como cobertas para camas, feitas de rectângulos e quadrados afanosamente harmonizados e cosidos. São desta espécie as lindas cobertas que re-inauguraram a nossa casa 4. E temos a casa 3 à bica!

Disse-lho e como ela ficou contente! E como eu fiquei contente! «Desculpe, eu não queria maçá-lo. Mas, então, destes vale a pena aproveitar?, posso trazer?»

Muito trabalho vai ter a nossa apaixonada «farrapeira», trabalho para muito tempo! Que bom! E P.e Abel que se vá preparando para escolher e coleccionar tamanhos e cores. E D. Ernestina para os coser à máquina. Que bom!

Tão bom que, se não tivesse outras razões muito mais profundas, esta me bastaria para declarar sem reboço o meu desamor à sociedade de consumo, à sociedade do desperdício.

Padre Carlos

Júlio Mendes

Neste Verão, como de costume, fomos às igrejas de algumas praias e termas do centro. Encontrámos sempre os cristãos que nos escutam sequeiros da Mensagem que o Senhor lhes envia por nós. A Mensagem do Senhor é a maior força que nos leva. Se fosse pelo dinheiro não iríamos assim.

Consolam-nos os sorrisos e as lágrimas que vemos nos olhos e no rosto e os acenos de cabeça e as palavras de gratidão e as bênçãos que nos dão e que nos pedem. E aqueles que, com coragem, nos vêm estimular e com quem podemos contar sempre. Os sacerdotes recebem-nos de braços abertos. Bendito seja Deus por tudo.

Pegámos hoje na agenda onde anotamos as ofertas que nos chegam. É tão consolador saborearmos algumas mensagens que acompanham as ofertas! Vamos todos saborear:

Mil e o fato do marido que o Senhor chamou; todos os visitantes que nos animam; 3.740\$ mais 2.170\$ mais 3.820\$ mais 1.440\$ — ofertas de militares de Coimbra; têmido muitos Amigos levar suas ofertas em dinheiro e outras coisas ao nosso Lar de Coimbra; 500\$ de professor vizinho; mimos e a visita de alunos do Colégio de S. Teotónio, de Coimbra; cheques e vales de correio mensais, de Lisboa; oferta de Ferreira do Zêzere pela nossa Casa de Paço de Sousa; 500\$ mais 220\$ e mimos e a visita. dou-

tro Colégio de Coimbra; 1.000\$ «para os mais necessitados», ao vendedor, no Tortosendo.

Quinhentos em cheque, da Mealhada; 1.000\$ em Castelo Branco; vales de correio por Helena e João; 1.000\$ em cheque, de novo médico, nosso vizinho; 500\$ de Pombal; carta de S. Romão; cheque da Covilhã; 1.100\$ na igreja de Miranda do Corvo; ofertas aos nossos vendedores, às portas das igrejas; 1.750\$ do Pessoal das Telecomunicações de Coimbra; 500\$ mais 400\$, pelo emprego da filha; 500\$ em vale, de Arganil; os vales mensais de Vilar Formoso; cheque de sacerdote de Castelo Branco; 250\$ em vale, de Condeixa; carta de Amiga da Cruz Quebrada; 1.000\$ e roupas da Covilhã; 1.000\$ da Granja, pela Mãe e pela Filha; 1.000\$ pela Esposa que sempre nos amou; 5.000\$ que vizinho nos trouxe, com muito esforço do seu trabalho.

Quinhentos em cheque, de Chorosa — Febres; 2.000\$ que Sobrinha veio entregar a pedido da Tia; 3.000\$ e a visita das Escolas de Liceia; o primeiro ordenado dum dos nossos; 500\$ mais 1.000\$ de Bombeiros, em nossa Casa; 1.000\$ de doente; 500\$ doutro; oferta de Senhora à porta do Teatro Avenida; Professora nossa vizinha, com visitas, pela Mãe e pelo Irmão que Deus chamou; 1.000\$ mais 1.000\$, mais 500\$, mais 100\$, mais 100\$, na igreja da Figueira; ofertas do mealheiro dos «Netinhos»

de Mação; 1.000\$ de renúncias das crianças de Unhais da Serra; cheque pelo Pai que muito nos amava; 1.000\$ pelo Irmão; cheque de Meãs do Campo; 500\$ em carta, de Brasfemes; cinco mil de família vizinha, pelo Pai que Deus chamou.

Cheque dum dos nossos, do Porto; 2.000\$ que sacerdote de Coimbra trouxe da Alemanha; oferta na Covilhã de quem se quer desprender; outra oferta na mesma terra, de quem quer dar-se; e ainda outra pela Mãe que a Filha nunca esquece; 3.000\$ no Fundão; um vale e dois cheques de Cebolais; 4.500\$ de jovem médico; 1.000\$ de Amigos, no nosso Lar; 500\$ pelo Neto que Deus levou; cheque de Boialvo; 500\$ pelo sacristão de Santa Cruz; 5.000\$ que Comissão de igreja vizinha veio trazer; 4.500\$ e a visita da Catequese de Soure; 500\$ em cheque, de Alburitel; vale de Espadaneira; 1.250\$ em cheque, de Leiria; 4.000\$ que Senhora entregou a sacerdote para nós; 200\$ em vale, de Fala; convívio em nossa Casa; resultado de parte duma propriedade, vontade de quem Deus levou; 500\$ em vale de Escolas de Proença; 1.500\$ em Proença-a-Nova.

De Münster (Alemanha) veio oferta de 7.387\$40; 1.000\$ de Senhora da Lousã; a passagem de dois casais nossos, no Brasil; vale de Tomar; cheque grande que Amigo de Lisboa nos mandou; cheque da Mealhada; cheque de sacerdote de Coimbra; 1.000\$ de franceses que passaram por nossa Casa; também a passagem dum casal nosso, em França, com um amigo; oferta grande que casal nosso foi buscar a casa de Amiga que nos chamou; 400\$ em vale, da Varziela; dois cheques de um pároco, a pedido de Senhora; 600\$ em cheque, «duas rosas»; 500\$ da Conferência de Alpedrinha; 1.000\$ na praia da Vieira; 500\$, mais 1.000\$, mais 1.500\$, mais 500\$, mais 1.200\$, mais mimos, na minha aldeia; 500\$ de Condeixa; cheque que casal nos passou, na sacristia da igreja da Figueira; uma casa, em nossas sacas, na igreja da Figueira; vale de flhavo, do primeiro ordenado dos filhos; vale de Tomar; cheque de S. Mamede.

Todos os Amigos de Coimbra que vêm por vale, por cheque, por carta e por outros modos; todos os que vão à Casa do Castelo. Ainda ontem, numa aldeia vizinha, encontrei uma senhora que me veio dizer que, antes de ir para férias, não se esqueceu de ir à Casa do Castelo deixar também para as nossas férias. E todos os que entregam aos nossos pequenos vendedores nas terras onde vamos vender O GAIA-TO. Muitos mimos e outras ofertas na nossa Casa na Praia de Mira, especialmente o peixe que os pescadores gostam de dar «aos meninos».

Por tudo, a nossa comunhão na alegria de quem dá.

● Era uma senhora simpática e com um sorriso muito bonito. No olhar tinha a alegria e o brilho do oiro. Numa calxinha todo o seu oiro para os «gaiatos do Padre Américo». — Era egoísmo ter este oiro comigo — desabafou sem validade.

Retirou-se, sem nada exigir, perguntando apenas onde era a Capela. A um canto, lá ao fundo, ajoelhou à semelhança do publicano do Evangelho. Evangelho que manda dar com uma mão escondendo a outra. Que diz não se poder servir a dois senhores: a Deus e ao dinheiro. Que manda deitar perfume quando se jejue. E quem não for capaz de dar tudo não é digno d'Ele. Deixando tudo...

É assim! Oiro todo! Olhar a sorrir! Coração aberto a quem precisa. Se no oiro todo estiver o tudo incluído, o Evangelho está a ser cumprido! A felicidade do cem por um é uma verdade já deste mundo. Quem guarda o oiro para si pode perdê-lo. Quem o souber «perder» sabe-o guardar num lugar onde os ladrões não entram. Guardar o oiro para si, significa egoísmo! Só uma consciência superiormente formada ou tocada pelo Evangelho, assim pensa e age.

Ainda há fome no mundo. Ainda há gente sem tecto. Ainda há crianças sem ninguém. Ainda o mundo é pequeno para a ambição desu-

mana. Então? E tanto pãozinho, transformado em dinheiro e oiro, a apodrecer nos cofres do medo e da avareza!

Como o nosso mundo seria bem mais feliz e fraterno se se transformasse o oiro e as jóias pessoais em pão para quem ainda morre de fome, em casas para quem dorme em barracas, em postos de trabalho para quem está no desemprego!

● Ontem, no fim da nossa Missa de domingo, duas senhoras me procuraram. Em vez de oiro, traziam a fome... De pão, de emprego, de alegria na vida do lar. Uma delas, casada e mãe de filhos. O marido desempregado. E ela também. Tinham vindo de Angola, se não estou em erro. Queria internar os seus filhos aqui por causa e só do desemprego. Isto é terrível!

Não aceitámos aqueles meninos; apenas informámos e orientámos como pudemos e soubemos aquela mãe, ainda nova, a procurar uma solução. Mas que solução? Entregar os filhos aqui ou acolá, até o emprego aparecer? Se não arranjar trabalho brevemente, que remédio!? O desemprego dos pais tira o pão à boca dos filhos. E tira os filhos da casa dos pais!

Eis uma questão a defender. Quem a defende?!

Padre Moura

AUTO-CONSTRUÇÃO

Ouvimos, há dias, com muito interesse, o responsável por uma região do grande Porto. Entrevista bem conduzida. As imagens entravam pelos olhos dentro! Ponto fulcral: a carência de moradias e planos concretos para fomentar a construção. Particularidade muito importante: lotes para Auto-construtores, com as necessárias infra-estruturas — e dispensa do famigerado calvário burocrático!

O entrevistado, justificando a oportuniíssima decisão, disse e muito bem: — Se o Auto-construtor tem hipóteses de construir clandestinamente a sua moradia..., nós damos-lhe, assim, a melhor oportunidade (legal) sem mais burocracia!

Um verdadeiro plano de fomento habitacional, enquadrado no País real!

Enquanto as imagens e o curto diálogo rolavam a grande velocidade, o nosso coração fervia. Temos sido — e continuamos a ser, infelizmente! — dolorosas testemunhas de problemas de habitação que não são resolvidos, mais por culpa do círculo vicioso da empatorracia reinante, palaciana, do que pela crescente falta de terrenos (...) a preços justos — hoje, também, um grave problema.

Os responsáveis de todos os quadrantes teriam visto, ouvido ou sabido que numa região do grande Porto se procura pôr o dedo na ferida, com eficácia? Terão meditado que o exemplo poderia estender-se a outras regiões suburbanas e às próprias zonas rurais onde se procuraria evitar, assim, inclusivé, desumanas migrações internas, na sequência de planos eivados de macrocefalia desenvolvimentista?

Como é óbvio, para combater o mal só o Bem. E, quando bem feito — como no caso vertente — o proveito é da Família, do País.

Mãos à obra! O Auto-construtor, o cidadão comum não quer palavras; quer acções, obras que frutifiquem e sejam autêntica bola de neve.

Júlio Mendes

Reflectindo

Passa das onze e meia da noite. Aqui, em nossa Aldeia, já tudo está sossegado. Uns rapazes, nossos vizinhos, procuram-nos por causa de uma senhora que queria falar com um padre da Casa. Descemos. Encontramos uma rapariga de vinte anos com uma filha ao colo e preso às suas saias um outro filho de seis anos. Conta a sua história:

Aos catorze anos namora um rapaz de perto de vinte. Fica à espera de um filho. O namorado, ao saber, desaparece. E os pais dela, vendo-a grávida, expulsam-na de casa. Só Deus e ela sabem como se processou o nascimento! Com quinze anos e um filho nos braços, sem amparo de ninguém, fica à mercê da sorte.

Assim lhe viria a aparecer um homem de trinta anos com

quem começa a viver. Era alcoólico. Batia-lhe, mas alimentava o filho e dava-lhes tecto. Dele nasce a segunda filha — e mais uma vez é abandonada! Sem dinheiro, expulsam-na da casa por não pagar renda. Mas uma vizinha deixa-a viver, com os filhos, nos baixos da sua moradia. Também aí não pode continuar; terá de sair porque a dita vizinha precisa, agora, de guardar as batatas!

Sem casa, não podendo trabalhar sem abandonar os filhos..., perdida, vem até nós para os entregar. Vinte e um anos..., uma adolescência e juventude vividas abraçada à miséria...

Onde está a assistência social do nosso País?... Esta rapariga nunca se cruzou com ela.

Padre Abel



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa